

\*ANDRADE, Thamires Faria

[thamiresandrade15@hotmail.com](mailto:thamiresandrade15@hotmail.com)

\*Acadêmica de Enfermagem

\*\*SILVA, Mônica Maria de Jesus

[monicamjs@usp.br](mailto:monicamjs@usp.br)

\*\*Docente do curso de Enfermagem

### INTRODUÇÃO

Entende-se por atendimento pré-hospitalar (APH) a assistência realizada fora do âmbito hospitalar, utilizando diversos métodos ou meios disponíveis podendo ser direta, em que o profissional vai de encontro à vítima, ou indiretamente, como por exemplo, através da orientação médica via telefone, e caso seja necessário, o envio de uma viatura de suporte básico ou avançado ao local da ocorrência (MINAYO; DESLANDES, 2008).. Poll, Lunardi e Lunardi Filho (2008), salientam que as equipes de Enfermagem, atuantes em unidades de emergência, necessitam estar preparadas para atender aos usuários acometidos por causas externas. Em razão da demanda, os serviços de emergência precisam estar organizados de forma que a equipe possa trabalhar com rapidez e eficácia para minimizar as situações de riscos. No entanto, a formação acadêmica dos enfermeiros é generalista e ainda não observa a necessidade legal, estabelecida no APH, de um enfermeiro capaz de enfrentar desafios muitas vezes maiores que os da prática intrahospitalar (GENTIL; RAMOS; WHITAKER, 2008; VARGAS, 2006). Porém, mesmo com os cursos proporcionados, os enfermeiros que atuam em APH podem encontrar dificuldades na prática do seu exercício profissional, uma vez que, no Brasil, o APH é uma área emergente para atuação de enfermeiros e ainda há carência de programas ou cursos de capacitação que atendam a necessidade de formação específica, qualificada e adaptada ao padrão brasileiro (GENTIL; RAMOS; WHITAKER, 2008).

### OBJETIVO

Avaliar a formação e as dificuldades encontradas pelo enfermeiro que atua no APH, discutindo a relação entre a teoria e a prática na sua formação para a realização do exercício profissional.

### METODOLOGIA

Foi realizado um estudo descritivo, exploratório e transversal, com os enfermeiros que atuam na base do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) da cidade de Ouro Fino-MG. Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista, a qual foi gravada e transcrita posteriormente. Esta precede de um questionário composto por questões fechadas e abertas relativas aos dados sociodemográficos, à formação e experiência profissional, conhecimentos e habilidades, e dificuldades na atuação profissional do enfermeiro. A entrevista foi realizada pela pesquisadora, atentando para compreensão das informações pelas respondentes, bem como para o ambiente, facilitando a disponibilidade das informações.

### RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram do estudo a totalidade dos enfermeiros que atuam na base do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) da cidade de Ouro Fino-MG, totalizando sete profissionais. Entre estes, observou-se a faixa etária predominante entre os 30 e 35 anos, perfazendo um total de 71,4% (5). No que se refere à idade dos enfermeiros que atuam no APH, Andrade, Caetano e Soares (2000), acreditam que em uma unidade de urgência exige a presença de pessoas jovens e ágeis, pois a idade é um fator que intervém positivamente na qualidade da assistência na urgência. Quanto ao sexo dos profissionais, houve um predomínio de mulheres com 57,14% (4), o que evidencia a forte ligação da identidade histórica do enfermeiro com a predominância feminina, a qual distingue a Enfermagem de outras profissões e exerce forte influência sobre as relações interpessoais no ambiente de trabalho (AVELAR; PAIVA, 2010). Constatou-se também que todos os enfermeiros entrevistados são egressos de universidades particulares, sendo todas do Sul de Minas Gerais, Brasil. Verificou-se ainda

que a maioria dos profissionais entrevistados têm entre 5 e 10 anos de formação na graduação em enfermagem 43% (3). Em relação ao tempo de atuação em atendimento pré-hospitalar a maioria (43%) atua há cinco meses na área. No presente estudo, 71,4% (5) dos profissionais referiram ter escolhido a área de APH para atuar devido à afinidade com a área. Os profissionais de enfermagem que trabalham com APH demonstram uma relação muito forte com a profissão. São profissionais que carregam consigo um ego muito aflorado em relação ao sentimento que possuem na prática profissional, ficando claro quando relatam sentimentos de gratidão, satisfação e bem estar ao falarem de seu trabalho (WADA, 2012). Quanto à especialização dos profissionais observou-se que a maioria a possui, o que perfaz um percentual de 71,4% (5). Além disso, 85,7% (6) dos entrevistados afirmam sentirem-se confiantes diante todas as situações vivenciadas em seu trabalho. No que diz respeito às dificuldades encontradas no início do trabalho em APH, 85,7% (6) dos profissionais relataram ter encontrado muitas em seu exercício profissional. É mesmo, atualmente, 71,4% (5) dizem ainda encontrar dificuldades. De acordo com 71,4% dos profissionais entrevistados, a diminuição das dificuldades relatadas está relacionada com estudo e atualização contínuos, promovidos com educação continuada das práticas e teorias vividas no cotidiano de trabalho em APH, informando à população sobre o atendimento realizado pelo SAMU e vivendo a prática do dia-a-dia, pois, segundo os entrevistados, a experiência e a sabedoria na área traduzem-se em menos dificuldade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do enfermeiro no suporte avançado de vida é de grande importância para o atendimento pré-hospitalar, porém conclui-se que os profissionais encontram dificuldades no início de sua atuação devido a falta de experiência e à lacuna deixada em relação a sua formação. Entretanto, os cursos de aperfeiçoamento buscados pelos profissionais para se aprimorarem podem proporcionar conhecimentos para sua prática profissional. Além disso, a experiência profissional no desenvolvimento das atividades e a conscientização da população, auxiliam na diminuição dessas dificuldades encontradas no exercício profissional no atendimento em APH.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. L.; CAETANO, J. A.; SOARES, E. **Percepção das enfermeiras sobre a unidade de emergência**. Rev. Rene.v.1, n.1, p. 91-97, 2000.
- AVELAR, V. L. L. M.; PAIVA, C. M. Configuração identitária de enfermeiros de um serviço de atendimento móvel de urgência. Rev Bras.Enferm, v.63, n.6, p. 1010-1018, dez, 2010.
- GENTIL, R. C.; RAMOS, L. H.; WHITAKER, I. Y. **Capacitação de enfermeiros em atendimento pré-hospitalar**. Rev Latinoam Enferm, v.16, n.2, p.192-197, 2008.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Análise da implantação do sistema de atendimento pré-hospitalar móvel em cinco capitais brasileiras**. Cad Saúde Pública, v. 24, n.º. 8, p. 1877-1886, 2008.
- POLL, M. A.; LUNARDI, V. L.; LUNARDI FILHO, W. **Atendimento em unidade de emergência: organização e implicações éticas**. Acta Paul. Enferm., v.21, n.º.3, p.509-514, 2008.
- VARGAS, D. **Atendimento pré-hospitalar: a formação específica do enfermeiro na área e as dificuldades no início da carreira**. Rev Paul Enferm, v. 25, n.º.1, p. 38-43, março 2006.
- WADA, M. A. R. **Estresse do profissional de enfermagem em atendimento pré-hospitalar**. 2012.79f. Dissertação (Pós-Graduação)- Faculdade Redentor- Instituto Itesa, São Paulo, 2012.